



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA MEIRE VIANA DOS SANTOS

(entrevista)

Camaçari, BA

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em julho de 2019, em Camaçari (BA). Da esquerda para a direita: Ana Meire Viana dos Santos e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-922

Nome da entrevistada: Ana Meire Viana dos Santos.

Local da entrevista: Camaçari (BA).

Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 27/07/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Total de gravação: 01 hora, 50 minutos e 01 segundo.

Páginas Digitadas: 43.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SANTOS, Ana Meire Viana dos. Entrevista concedida por Ana Meire Viana dos Santos ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, CAMAÇARI (BA), 27 jul. 2019, 46p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Bahiana de Futebol de Salão e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Camaçari (BA), 27 de julho de 2019. Entrevista com Ana Meire Viana dos Santos (A.S.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Ana Meire, ex-árbitra CBFS e ex-árbitra FBFS, em Camaçari, Bahia, dia 27 de julho, às catorze horas e quarenta e dois minutos. Qual teu nome completo, Meire?

A.S. – Ana Meire Viana dos Santos.

M.L. – Data de nascimento?

A.S. – 11 de agosto de 1966.

M.L. – Onde nasceu?

A.S. – Salvador, Bahia.

M.L. – Escolaridade?

A.S. – É... Pós-graduada.

M.L. – Em?

A.S. – Docência do Ensino Superior.

M.L. – E a graduação?

A.S. – História.

M.L. – Só História?

A.S. – Educação Física.

M.L. – Licenciatura ou bacharelado?

A.S. – Licenciatura.

M.L. – Qual a instituição das tuas graduações e pós?

A.S. – É... Escola... FTC e a pós eu nem me lembro, viu? Não vou nem mentir prá você, não lembro não. Só olhando lá no...

M.L. – Certo.

A.S. – Depois eu passo prá você.

M.L. – A profissão?

A.S. – Hoje eu... Professora.

M.L. – Professora de:

A.S. – Hoje, História.

M.L. – Meire, eu queria que você me contasse, como foi a sua infância e a sua relação com o esporte.

A.S. – Minha infância? Minha infância foi uma infância de uma moleca, um menino, uma pessoa normal. Uma infância difícil, num período complicado, né? O termo mesmo é... A situação, na conjuntura política que existia no Brasil, que era... A gente tava vivenciando uma ditadura militar, aonde eu tinha gosto por coisas que meninas não podiam fazer. Então eu sofri muito por conta disso, porque eu não queria brincar de boneca, eu queria brincar *de bola* e... Eu sofria essas questões na escola, sofria no bairro que eu morava, mas dentro da minha casa meu pai e minha mãe nunca disseram que eu não podia fazer. "Você pode jogar bola, mas você precisa cumprir com as suas responsabilidades". Minhas

responsabilidades eram: estudar, tirar boas notas e ajudar nos afazeres domésticos que, naquele período, isso fazia parte da educação.

M.L. – Meire, como é que você então, vai se envolver com o esporte de forma mais acintosa?

A.S. – Eu fui atleta de futebol durante muito tempo e achava que ia ser uma atleta de grande porte, né, aquela coisa toda. Eu jogava numa posição onde fazia muitos gols, mas também me machucava com muita incidência, porque eu apanhava muito nos jogos das competições que eu participava. Porém, eu comecei a observar que, dentro do futebol, eu gastava muito mais do que o que eu recebia. E como eu era uma jovem, dentro de um seio familiar no qual meus pais ajudavam, mas também tinham outros direcionamentos, eu vi que não ia dar certo ser atleta de futebol, porque eu não ia ganhar dinheiro e eu sempre pensei em ganhar alguma coisa. E eu tava gastando muito mais, até em termos de saúde, do que eu estava ganhando. Então eu comecei a me distanciar um pouco do futebol. E aí eu já estava fazendo Educação Física, fiz um curso de Técnico em Desportos de Educação Física e dentro da escola, do curso técnico, tinha uma matéria que era Futebol, na qual tinha um professor que começou a observar algumas coisas. A gente tinha uma aula na Faculdade Católica aos sábados pela manhã e era lá na Paralela. E esse professor Pimentel, ele começou a me ver. Eu jogava no meio dos meninos e em algum momento ele dizia... me dava o apito dele e dizia: "Apita esse jogo". E aí apareceu a oportunidade de um curso de arbitragem de futebol de campo e ele disse: "Você vai fazer". E foi essa pessoa que me encaminhou nesse mundo da arbitragem.

M.L. – E você jogava... jogava por algum time que lembra o nome agora?

A.S. – Ah, sim. Vários. Bahia, Status, Agroveco, Galícia... Vários campeonatos que existiam.

M.L. – Campeonatos Baianos?

A.S. – Campeonato Baiano. Campeonato Baiano.

M.L. – Chegou a disputar algum Campeonato Nacional por essas agremiações?

A.S. – Não, não. Não. Nacional, não.

M.L. – Meire, e como é que a sua família via esse seu envolvimento com o esporte, numa época em que você transcendia as questões, né, de padrões sociais que eram estabelecidos, pois você vai adentrar num ambiente que é altamente masculino. Como é que a sua família via esse seu envolvimento?

A.S. – Via com bastante cuidado, né? Meu pai era muito cuidadoso com essas questões prá não deixar que esse processo todo que existia com a sociedade interferisse no que eu queria fazer. Eu era, realmente, uma pessoa livre. Tinha esses parâmetros que precisavam ser... é... amparados, mas minha família sempre me deixou muito à vontade, sempre me deu muito apoio em relação a isso. E quando eu decidi fazer Educação Física, né, meu pai achou o máximo, achou que era realmente isso que eu deveria fazer.

M.L. – Certo. Você falou aí que foi atleta de futebol, né?

A.S. – Sim.

M.L. – E como é que o futsal... Como e quando o futsal começa a adentrar na sua vida?

A.S. – Começou um Campeonato aqui, que a TV... no qual a TV Itapuã era a que fazia esse campeonato aos domingos pela manhã e Raimundo Varela era fomentador desse processo todo. E ele começou a levar o futebol feminino prá quadras e fazia o futebol feminino em rede, praticamente em rede nacional, aos domingos pela manhã. Era um campeonato muito, muito bom, mas eu não me adaptei jogando futebol de salão, porque eu gostava de correr. Como eu era muito habilidosa e o futebol de salão tinha muito contato físico, eu começava a me machucar com muita incidência e aí fui me afastando de atleta de futsal. Joguei pouco tempo. Eu só joguei esse campeonato.

M.L. – Um campeonato apenas?

A.S. – Um campeonato apenas.

M.L. – Sabe precisar qual o nome da competição e quando ela aconteceu?

A.S. – Eu tenho essa carteira em casa. Eu... Tava no meio de um material... Eu tenho essa carteirinha. Eu tiro uma foto e mando prá você.

M.L. – Pronto. Jóia. Meire, você acompanha, hoje, algum esporte ou acompanha o futsal regularmente?

A.S. – Não. Acompanho o futebol. Futebol por conta do Bahia, Vitória, Campeonato Brasileiro, Campeonato Internacional, mas o futsal em si, eu não acompanho nada.

M.L. – Desligou-se mesmo?

A.S. – Total.

M.L. – É... então você diz aí que só jogou futsal numa competição, né? Além de ter jogado futsal, jogado futebol, praticou algum outro tipo de esporte?

A.S. – Tudo. Até golzinho, virou [risos]... Tudo que tava inserido no esporte... Handebol, vôlei... Mesmo com essa estatura eu me deliciava por todos os esportes. O esporte, na realidade, era meu cartão de visita. Eu gostava e sempre me dediquei muito ao esporte.

M.L. – E esse envolvimento era dentro da escola ou era em ambientes externos à escola?

A.S. – Qualquer espaço que eu tinha, eu fazia alguma coisa dentro do esporte. Eu tinha uma disciplina dentro de casa e quando eu chegava da escola, tinha que tomar banho, almoçar, depois tinha que dormir um pouco, depois tinha... Meu cabelo era muito grande, né, lisão, aquela coisa dos indígenas e tinha que passar o pente fino prá tirar os piolhos [risos], que naquela época eram muitos, e depois minha mãe me deixava jogar. Eu tinha... Eu morava em frente à rua, eu ia prá frente da casa de um vizinho e eu ficava brincando de "virou". Era uma brincadeira assim, que eram duas pessoas que ficavam de costas uma prá

outra, fazia pontinho e chutava. Era o espaço que eu tinha, porque dentro da escola, nesse período que eu já era uma criança de dez anos, por aí, não existia essa Educação Física. Era uma Educação Física de você fazer polichinelo e acabou por aí.

M.L. – Calistenia mesmo, né?

A.S. – Calistênica e acabou. Não tinha essa parte de esporte. Era só coisa muito superficial.

M.L. – E na faculdade, você se envolveu com alguma equipe universitária, chegou a jogar alguma competição universitária?

A.S. – Não, não. Eu já... Na faculdade eu já tava inserida no ramo da arbitragem.

M.L. – Já era outra, outra...

A.S. – Já tinha outra visão.

M.L. – Outra visão.

A.S. – Já queria ganhar dinheiro [risos].

M.L. – Meire, nesse curto espaço de tempo, enquanto atleta, houve treinadores ou treinadoras que marcaram a tua trajetória nesse período?

A.S. – Houve. Houve uma treinadora do Agroveco, que chama Beth, ainda está viva. E um treinador que foi... Ele era, na realidade, ele era treinador, era dono do time, era um *paizão* assim, prá todas as atletas, que era Faustino de uma equipe que chamava Status. Nessa equipe... Nesse período em que eu já tava no finalzinho de safra, foi quando apareceu Cici e essa galera que realmente chegou até a Seleção Brasileira, através dessa equipe.

M.L. – Do...

A.S. – Status e depois foi pro Flamengo de Feira. Elas chegaram até a Seleção Brasileira. A gente fazia parte da mesma equipe.

M.L. – E no caso, a sua família chegou a vê-la atuando enquanto atleta, em quadra ou em campo?

A.S. – Eu tinha torcida organizada! Meu pai, minha mãe, minhas irmãs, tudo ia... Olha, todo mundo. Eu usava uma, uma... Porque meu cabelo era muito grande e incomodava, então botava uma... Naquela época a gente chamava de testeira, né? Hoje o nome é...

M.L. – Bandana?

A.S. – Uma bandana, uma coisa assim. E meus irmãos iam tudo, fazia a festa, era uma... Era uma diversão familiar, na realidade.

M.L. – Então a família via aquilo lá como natural?

A.S. – Tudo natural, tudo bem tranquilo. Apesar da gente vivenciar numa família de baixa renda, mas o respeito que se tinha com o seu gosto, com o que você quer fazer da sua vida, já existia dentro da minha família.

M.L. – E nesse meio esportivo, você tinha amigos ou amigas que foram pessoas que te marcaram?

A.S. – São vários, viu!

M.L. – Poderia citar?

A.S. – Vários... No meio do Futebol? Hoje nós temos um grupo que se chama "grupo das veteranas do futebol feminino", no qual nós nos encontramos uma, duas ou três vezes no ano. No domingo passado mesmo, foi o aniversário do grupo e tava junto, mais ou menos, umas *noventa* atletas do futebol feminino. Então a gente se... Mantém o contato sempre. Existe um grupo no whatsapp... A gente mantém contato sempre, sabe aniversário... Até

quem tá fora do país, no caso a Cici, faz parte também desse processo com a gente e a gente tá sempre dialogando sobre os assuntos que são pertinentes à nossa categoria. É... provavelmente daqui há um ano ou dois, a gente deve tá lançando alguém do nosso grupo prá o meio político, porque a gente precisa ter uma representatividade forte também, prá que essas meninas que venha... que estão aparecendo porventura, que elas não sofram tanto como a gente sofreu e também prá que elas tenham o respaldo que nós não tivemos. Então a gente tá numa luta constante... Teve um fórum semana passada na Fonte Nova, na arena Fonte Nova, no qual nós participamos, prá já começar a delinear alguns caminhos para o futebol feminino da Bahia.

M.L. – Que bom! E essas iniciativas precisam acontecer, né, Meire?

A.S. – E não precisa ser somente porque teve a Copa do Mundo, não precisa ser somente porque as mulheres tão numa evidência muito grande; a gente precisa estar falando sobre esses processos *sempre!* Em todos os lugares e em todas as instâncias que nós estamos trabalhando. Não é somente focado num período. Eu acredito que esse sofrimento que nós estamos tendo dentro do futebol feminino, em especial, é muito por causa disso. *Negligenciaram* muito o futebol feminino. Os uniformes, na época em que nós jogávamos, eram uniformes de homem. Então a gente nunca teve um traquejo e um trato mostrando que, realmente, nós somos mulheres. Agora queremos fazer uma coisa que, para a sociedade, era uma coisa de homem.

M.L. – E dentro do futsal, nessa sua curta carreira como atleta de futsal, construiu amigos ou amigas?

A.S. – As mesmas pessoas que jogavam futebol de campo, jogavam futsal. Então a gente... A construção é a mesma.

M.L. – O mesmo grupo?

A.S. – Isso. É o mesmo grupo.

M.L. – Meire, quando e por que Meire resolve começar a arbitrar?

A.S. – Porque eu visualizava, via que dentro do que eu estava fazendo sendo uma atleta de futebol, eu estava gastando, tendo um custo *muito maior* do que o que eu estava recebendo, o respaldo que eu estava recebendo. E quando esse professor começa a me encaminhar para a arbitragem e a arbitragem... No caso eu ganhava muito pouco, assim, qualquer coisinha, mas dava prá eu comprar um uniforme, mas dava prá eu comprar uma chuteira, que naquele período era chuteira... Ainda lembro o nome da bichinha: Club Surf [risos], né? Então era um material que quem tinha esse material, tinha... Sabe? Tava bem. Tinha uma Adidas nos dias atuais. Porém... é... Quando eu comecei a entrar nesse meio, através do professor Pimentel, e eu comecei a ter alguns encaminhamentos e vi que a partir dali eu poderia ter uma carreira de sucesso, eu esqueci o futebol feminino e fui trabalhar dentro da arbitragem.

M.L. – E no caso, sua arbitragem, você começou com o curso de futebol de campo, né?

A.S. – De campo.

M.L. – E quando é que você vai para o futsal?

A.S. – Aí aparece alguma... Eu já arbitrava futsal. Apareceu um rapaz, um *super* árbitro que já faleceu até, que foi o Djalma! Esse cara me transformou, na realidade. Ele me levava prá todos os jogos, ele me dizia à forma que eu tinha que trabalhar e aí foi me distanciando do futebol de campo. Para entrar na Federação de Futebol de Salão, eu tinha que ter um curso também. Então... é... Tinha um professor que eu... Daqui até o final eu vou me lembrar o nome dele. Tava fazendo um curso e as Federações já tinha essa visualização que precisavam estar inserindo as mulheres, e como eu fui uma das primeiras mulheres a apitar futebol de campo e já tava sendo encaminhada por Djalma prá fazer o futebol de salão, eu fui convidada a fazer esse curso na Federação.

M.L. – Você lembra quando é que você fez o curso de campo?

A.S. – Menina...

M.L. – A década, pelo menos?

A.S. – Ah, a década de oitenta, a década de oitenta.

M.L. – E o futsal?

A.S. – Década de noventa, por aí. Porque uma coisa tava muito associada a outra, entendeu? Não tava muito distante. Uma coisa tava muito associada à outra. Eu devo ter o quê? 1986, mais ou menos, eu devo ter essa inserção no futebol de campo e aí a década de noventa já foi desencadeando para o futebol de salão. Uma pessoa também que tem uma importância muito grande na minha inserção no futebol de salão foi Divaldo, que é o pai de Gilson. Ele me levava prá apitar com ele. Então, assim, eu tive *grandes professores, grandes professores*. Pessoas assim, que cuidavam de mim como se cuida realmente de um filho. Aquele traquejo, a forma de... a condução do processo. Eles me ajudaram bastante.

M.L. – Meire, além dessas duas pessoas que você cita aí, alguém mais te apoiou nessa decisão de adentrar na arbitragem?

A.S. – Minha família. Minha família, minha família é meu alicerce. E todas as decisões que eu tomei, que eu vinha a tomar, minha família sempre tava muito próxima e meu pai e minha mãe diziam: "É isso que você quer? Vá!".

M.L. – E aí, então, houve o apoio da tua família, né? Houve alguém que fizesse algum comentário de que seria complicado você fazer esse papel? Como é que foi essa construção de ser árbitra?

A.S. – Aí... Aí vem os vizinhos, aí vêm os parentes, né, os mais próximos que não tinham esse entendimento que meu pai e minha mãe tinham... E aí vem: "Isso é coisa de homem! Você vai deixar sua filha fazer isso mesmo? Ela vai apanhar!" E eu escutava muito isso, mas eu acho que escutar essas questões me fortalecia cada vez mais. E eu escutei uma vez, depois de uma partida, assim: "A mulher quando se predispõe a fazer uma coisa que seja uma visão de homem, ela faz com muita dedicação". E eu, durante esses vinte e cinco anos de arbitragem que eu militei, tanto do futebol de campo quanto do futebol de salão, eu era, realmente, uma pessoa que me dedicava muito prá fazer sempre o que era de melhor. Não só prá mim, mas para as pessoas que estavam envolvidas naquele certame também. Então

eu ouvia muito das pessoas que isso não ia dar certo, que era coisa de homem, mas *eu* sabia o que eu queria da vida e... O direcionamento da minha família, as questões do meu pai e da minha mãe que dizia: "Ah, cê tá a fim de ir? Vai lá e faz. Eu tô com você. Se deu certo, ótimo; se não deu, eu tô aqui". Pronto.

M.L. – A base familiar então te dava todo o alicerce necessário?

A.S. – A base... Todo o alicerce. Prá *tudo* que eu fiz e faço na minha vida, a minha base é a minha família.

M.L. – Meire, como estava o futsal na época em que você começou a sua jornada como árbitra? Havia muita competição, muitos campeonatos? Como é que era esse cenário esportivo naquele momento?

A.S. – Difícil. Porque era uma modalidade que não tinha muita visualização, né? O futebol de campo sempre foi o carro chefe de tudo isso, mas o futsal não tinha visualização, não tinha... é... apoio. Os mesmos atletas... Assim como aconteceu comigo, os mesmos atletas que jogavam futebol de campo, jogavam futebol de salão. E há uma dificuldade muito grande na inserção das regras de futebol de salão, que é *muito diferente* das regras do futebol de campo. E houve alguns, alguns fatores de... de... complicados, em relação a isso também, para os atletas. Mas existiam muitas competições? Não existia. O presidente, na época que eu iniciei esse processo, era, se não me falha a memória, era Antônio Carlos Tavares, e ele era um grande visionário. Então ele fazia campeonatos de bairros, fazia campeonatos de categorias inferiores... Aí a coisa começou a melhorar, porque não existia assim, eu não lembro, não existia um calendário e a partir daí ele começou a fazer esse calendário. Todo ano tem competição tal, competição tal... Que eu não me lembro, não sei ao certo se já existia, mas eu me lembro desse período com Antônio Carlos Tavares. Ele começou a levar árbitros daqui de Salvador prá apitar algumas partidas no interior. Então ele foi, realmente, um cara que começou a *dinamizar* a arbitragem e o futsal dentro do nosso estado. Aí também tem Almeidinha, né, que é o eterno Presidente [risos]. Almeidinha que também começou a ser facilitador desses processos todos. Mas em relação ao futebol de campo e o futebol de salão, o futebol de salão tinha treze, quinze por cento da quantidade de jogos que existia de futebol de campo.

M.L. – E nesse percentual de treze a quinze, como é que estava o futsal feminino?

A.S. – Não existia. Não existia. Eu vivenciei o futebol de salão masculino durante muito tempo *prá depois* se pensar no futsal feminino, na arbitragem e até em atletas também; de competições, de campeonatos, muito tempo depois. Não sei precisar *prá* você datas assim, porque eu posso me perder, mas se eu entrei na década de 1990, acredito que no final da década de 1990 *prá* década dos anos 2000, é que foi aparecer alguma coisa, alguma competição, alguma coisa e *bem* assim: quatro equipes, seis equipes... Eu acho que antes de eu me afastar teve uma competição que tiveram oito ou dez equipes, então já era bem pujante em relação a todo esse início.

M.L. – Então tua inserção na arbitragem foi basicamente no futsal masculino mesmo, né?

A.S. – Masculino. Eu sempre... E vou te confessar, eu não gostava de apitar o futebol feminino. Eu gostava de apitar o futebol masculino, porque eu fui, na realidade, trabalhada *prá* isso durante algum tempo. Porque trabalhar com mulher, você tem que ter um traquejo diferenciado e eu fui trabalhada... Todas as pessoas que me inseriram nesse processo, me trabalharam *prá* fazer aquilo ali, ter aquela postura e trabalhar... Eu tive que fazer uma remodelagem toda *prá* eu conseguir também inserir o futebol feminino na minha vida.

M.L. – Meire, você disse que o que a motivou a fazer o curso de arbitragem foi à questão financeira, né? Você lembra como foi esse curso, onde é que foi, como ele era moldado?

A.S. – De campo ou de salão?

M.L. – De salão, no caso.

A.S. – De salão... Nem me lembro direito, porque foi um curso que começou no Balbininho e aí ia tendo... Teve um determinado tempo, daqui a pouco parou, depois começou de novo... Não tinha assim, uma constância, porque o professor, ele era muito gabaritado *prá* fazer curso na Bahia toda, então ele não tinha essa... esse tempo *prá* disponibilizar de um mês, dois, três. Eu acredito que eu só fui pegar mesmo o diploma...

Eu acho que demorou, mais ou menos, quase *um ano*, prá eu pegar o diploma de concluinte do curso. Demorou muito tempo. Eu ainda vou me lembrar o nome dele.

M.L. – E lembra se além do Balbininho, havia algum outro espaço prá que você fizesse alguma parte prática?

A.S. – Não, porque o Balbininho tinha salas e o Balbininho tinha quadras. Então era ali que a gente fazia tudo.

M.L. – Tudo acontecia ali.

A.S. – Tudo acontecia ali.

M.L. – Lembra se houve prova?

A.S. – Prova, tudo, tudo direitinho. Houve prova teórica, houve prova prática. Teve tudo direitinho. Eu ainda lembro os colegas que participaram comigo desse curso... Dégison tava nesse curso; a irmã dele, Tânia, fazia esse curso junto comigo...

M.L. – E Tânia continuou na arbitragem ou foi só fazer o curso?

A.S. – Ela fez o curso e continuou na arbitragem com a gente durante um bom tempo. Depois, por questões do trabalho dela, ela se afastou.

M.L. – Ela adentrava a quadra ou ficava...

A.S. – Não, ela era anotadora.

M.L. – Hum... Da sua turma, prá árbitra, só você?

A.S. – Só.

M.L. – Meire, antes do curso você já arbitrava?

A.S. – Já.

M.L. – Arbitrava o quê? Lembra?

A.S. – Até... Até vôlei. Dentro do esporte eu vivenciei muita coisa, mas em algum momento... E eu escutei de Antônio Carlos Tavares... Eu já apitava futebol de campo e continuava apitando futebol de campo e futebol de salão. E ele me chamou uma vez na sala dele e disse: "Você vai ter que optar por alguma coisa. Ou você fica no campo ou você fica no salão, porque isso tá interferindo. Às vezes eu preciso de você no salão e você já tá escalada no futebol de campo". Então, naquele momento, pela minha visualização do que estava acontecendo no futsal feminino, dentro do meu estado e fora do meu estado, eu me distanciei do futebol de campo e me dediquei exclusivamente ao futebol de salão.

M.L. – E no futebol, você pertencia a Federação?

A.S. – Eu fui árbitra federada e participei de uma Associação de Árbitros. Tudo direitinho.

M.L. – Hum... E as outras modalidades? Vôlei... Era só apitar de forma...

A.S. – É, de forma assim, às vezes precisava na universidade, precisava na escola, prá ir apitar e como eu trabalhava dentro da área, eu ia. Mas não tinha curso.

M.L. – Certo. Ia pela própria vivência, né, Meire?

A.S. – Isso.

M.L. – Meire, você lembra quando e como foi teu primeiro jogo como árbitra federada de Futsal?

A.S. – Não lembro. Não lembro.

M.L. – Nem se foi masculino... Onde foi...

A.S. – Sei que foi masculino, porque eu não apitava futsal feminino. Foi masculino, mas aonde foi, quando, como... Eu não tenho essa...

M.L. – Lembra a categoria?

A.S. – Adulto, porque... é... Campeonato da Federação, ou a gente apitava os campeonatos de bairro, que era adulto, ou a gente... Porque os campeonatos da Federação, federado mesmo, só tinha adulto e sub 20 e era o quê? Era de ano em ano. Não existia uma constância de quantidade de campeonatos, entendeu? Então... é... Eu apitei logo os, os... A categoria adulta da Federação, do campeonato da Federação? Eu acredito que não, porque a minha vivência... Eu passei por todos os percalços prá conseguir chegar à final de um campeonato adulto. Eu levei *muito tempo* prá conseguir chegar à final de um campeonato adulto. Eu cheguei à final de um campeonato adulto, eu já tinha... eu já era confederada, já arbitrava fora do meu estado, já tinha *muito mais nome* fora do meu estado do que próprio aqui, prá me darem uma *oportunidade* de apitar uma final de Campeonato Baiano.

M.L. – Adulto masculino?

A.S. – Adulto masculino. Demorou *muito tempo*, muito tempo. Eu já tinha cansado. E foi uma das coisas que fez com que eu adiantasse até mais a minha aposentadoria.

M.L. – Meire, aí vamos... Meire está no quadro estadual e passa a ser árbitra confederada. Lembra da primeira competição como árbitra confederada?

A.S. – Lembro! Aí eu me lembro de tudo.

M.L. – Pois conte aí como é que foi...

A.S. – É... Na realidade eu tava participando de uma competição aqui em Salvador, no SESC¹, ali na orla, e uma menina, Ana Lúcia, que era árbitra de São Paulo, veio passar as férias aqui e me viu apitando. E aí ela gostou da minha postura, viu o trabalho que eu tava desenvolvendo e quando eu terminei o jogo, ela desceu da arquibancada e veio falar

comigo: "Você... Você apita há muito tempo?" Aí fez algumas perguntas, eu respondi as perguntas educadamente, mas eu nunca vislumbrei nada, porque... é... Confederação prá gente, principalmente nós mulheres, era uma coisa muito distante, *muito distante!* Existiam árbitros confederados da nossa Federação que tinha dez, doze, quinze anos e que não saia do posto. E aquilo ali mostrava, assim, que eu não ia ter chance nunca, né? E foi essa, que eu a chamo até hoje... Se não fosse por ela, ninguém ia me descobrir aqui na Bahia... Ana Lúcia foi e ia... Já tinha ocorrido uma competição com algumas peças femininas no Nacional, que eu acho que foi no Paraná. Já tinha ocorrido uma outra competição em São Paulo e ia ter uma competição no Pará, que era uma competição no mês de outubro, e nessa competição tinha-se a ideia de colocar árbitras do Brasil todo e somente apitar mulheres. E eu estava inserida nesse processo. Eu fui convocada logo... Eu fui indicada, na realidade, né, naquele período não tinha teste... Eu fui indicada por essa pessoa, que ela já tinha... conhecia os trâmites todos e ela disse: "Lá na Bahia tem alguém que apita e apita *muito bem*". Aí o pessoal falou: "Não, na Bahia? Mas nunca chegou aqui... Na Confederação nunca chegou nada que existia um quadro feminino na Bahia". E foi através de Ana Lúcia que eu consegui chegar nessa competição, que foi no Pará, uma competição onde só tinha árbitras mulheres.

M.L. – Lembra a categoria?

A.S. – Adulto.

M.L. – Feminino?

A.S. – Adulto Feminino. Adulto Feminino.

M.L. – Meire, quais foram os principais jogos que você, ao longo da sua carreira brilhante, conduziu, enquanto árbitra? Lembra? Poderia apontar os que mais te marcaram?

A.S. – Além dessa final de competição aqui na Bahia, houve a final do adulto lá em Santa Catarina, no qual participamos dessa final de competição, eu e Audrey. Foi um campeonato sub 20 e eu e Audrey que participamos na final. Eu da Bahia e Audrey do Rio

¹ Serviço Social do Comércio.

Grande do Sul. As equipes que tavam na final foi uma equipe do Paraná e uma equipe de São Paulo.

M.L. – Feminino?

A.S. – Feminino. Essa foi uma arbitragem que a gente só foi decidida realmente - a equipe do Palmeiras foi campeã - só foi decidida nos pênaltis. Foi uma competição que... Uma competição muito, muito pegada, como a gente dizia, e eu tive o privilégio de estar na final. Teve o jogo normal, teve a prorrogação e a final só foi decidida na disputa de pênaltis.

M.L. – Adulto Feminino?

A.S. – Não. Sub 20.

M.L. – Sub 20, feminino?

A.S. – Sub 20, feminino.

M.L. – Hum... Além desses jogos, houve algum outro que te marcasse?

A.S. – Sim. É... Um em Piauí, no qual eu tava fazendo aniversário no dia, né? Eu faço aniversário no dia 11 de agosto e sempre tem competição nesse período e eu estava numa competição no Piauí, aonde eu me surpreendi, porque eu fui apitar o último jogo da rodada com a árbitra da FIFA, Alane Lucena, e fiquei muito surpresa, porque eu entrei na quadra e ficamos somente nós duas na quadra [riso], durante algum tempo, e o locutor... é... falou do meu aniversário e desceram algumas... As atletas desceram, todas com uma rosa na mão, sabe, levaram *um bolo*. Meu aniversário foi, realmente, comemorado em alto estilo, e no qual eu, realmente, *nunca* esperava que o futsal fosse me dar esse prazer.

M.L. – Lembra qual foi à categoria?

A.S. – Adulta.

M.L. – Feminino?

A.S. – Feminino.

M.L. – Uma competição nacional?

A.S. – Nacional.

M.L. – Meire, como era tua condução de uma partida de futsal quando o jogo era masculino e quando ele era feminino? Havia diferença nessa condução de partida?

A.S. – Eu, no início, conduzia da mesma forma. Depois que eu comecei a vivenciar jogos fora do meu estado, eu comecei a vivenciar outras coisas, e aí eu fui sendo direcionada e o grupo ia dando os encaminhamentos. E aí a gente tinha realmente uma forma de condução de um jogo masculino e uma forma de condução de um jogo feminino. Mas eu só aprendi isso vivenciando dentro do futsal nacional.

M.L. – Poderia apontar quais eram as diferenças mais marcantes na condução de um e de outro?

A.S. – Aqui em Salvador, na Bahia em si, a gente precisa ser muito *viril* prá conduzir uma partida masculina. E eu utilizava o tempo todo dessa... sabe? Desse posicionamento de ser viril. Já no feminino não, no feminino a gente é mais maleável, a gente conversa mais, a gente pode até tocar numa atleta; já no masculino, a gente levava um distanciamento muito grande mesmo.

M.L. – Quando você parou de arbitrar? Sabe precisar o ano?

A.S. – Só olhando prá aquela canetinha que eu dei prá você ver. Que data é aquela ali que tá na caneta? 2012, eu acho. 2012. 2012 eu já tava observando algumas quedas... algumas quedas *drásticas* dentro do futsal, não só na qualidade das atletas e da arbitragem, mas também na questão política. E a gente já, já vivenciou ir prá uma competição e tá num hotel de cinco estrelas, né? De... E quando eu comecei a observar que o pessoal tava indo

até prá hotel de trânsito! E eu comecei a observar, porque eu sou muito observadora, eu trabalho com sociedade. E eu comecei a observar que aquilo ali não ia ter um... uma... ascensão, só tava tendo um decréscimo... Então eu disse que.... Eu já tava com quarenta e cinco anos, eu poderia ficar um pouco mais, mas eu comecei a dizer que, prá mim, aquilo ali já tinha bastado. Além do que, minha família... Quando a gente se envolve com arbitragem, a gente se envolve com a arbitragem e esquece muito o nosso ganho familiar. E aquilo já tava mexendo comigo, né? Meus pais já estavam ficando de certa idade, minha avó, e são pessoas que eram o alicerce da minha... da condução da minha vida. Então eu comecei a notar que eu precisava já... é... Não abandonar, né, mas me afastar, me licenciar daquilo tudo, por conta da minha família e por conta de *todo o cenário* que eu já tava observando. Então eu preferi... Falei, conversei com algumas colegas mais próximas, e aí a gente vem... Alane; vem Gido, de Santa Catarina; e vem Ana Lúcia de São Paulo, Renata a qual é muito... São pessoas que são muito próximas, até os dias de hoje, e eu fui dizendo as meninas: "Olha, eu vou me afastar da arbitragem". "Ah, Meire, que nada. Você ainda tem cinco anos aí". Eu digo: "Eu não. Prá mim esse período já basta". E elas foram me cozinhando, né, e eu disse assim... Eu disse: "Não, eu vou me afastar e eu vou em três competições". Foi uma competição sub 15, uma competição sub 17 e uma competição sub 20 ou foi uma competição adulta, que foi a última que eu... Então, durante esse ano de 2012, eu fiz a minha despedida com vários grupos, de várias formas e em vários lugares. Tem uma que eu tava em Pernambuco, que foi bem assim... Com as pessoas muito do Nordeste. A maioria das pessoas que tava nessa competição era do Nordeste, então eu tava realmente me despedindo do meu povo. E já essa competição que eu fui no final, que foi a competição no Espírito Santo, eu ia me despedir do grupo macro, de outras regiões. Então eu tive esse legado, esse prazer. E eu fui desconstruindo essa minha inserção na arbitragem aos poucos, porque *não é fácil* a gente tomar essa decisão, mas eu acredito até que esse período todo - eu tive entre o futebol de campo e o futebol de salão, eu tive vinte e cinco anos de prática - então durante esse período todo, foi uma despedida favorável, no momento certo. E eu agradeço até os dias de hoje, né? Ter parado realmente no momento certo.

M.L. – Deixou um gostinho de quero mais...

A.S. – Não sei prá quem [risos].

M.L. – Meire, além de seu envolvimento com a arbitragem e com o futebol de campo, você tem algum outro envolvimento com o esporte? Ou já teve algum outro envolvimento com o esporte?

A.S. – Não, não.

M.L. – Você teve algum problema que a atrapalhou em seu trabalho de arbitragem? Que a atrapalhou antes da sua parada definitiva?

A.S. – Muita contusão. Eu tive muita contusão. O meu biótipo não favorecia para eu ser uma árbitra de futebol de salão; me favorecia até prá eu ser uma árbitra de campo, porque você tem um... Você pode correr com mais facilidade e ajustando com a sua diagonal, você não precisa correr tanto. Mas com a dinâmica do futsal... É... Eu me machuquei muito, eu me machucava muito. Eu tinha um rigor alimentar, eu tinha um rigor físico, eu não passava... Eu tenho uma estatura baixa e sempre fui cheia, né? Hoje eu posso até dizer que eu tô gordinha [risos], mas eu sempre fui cheinha, mas eu mantinha a minha forma física, né? Eu tinha uma facilidade e com a dinâmica que o futsal começou a ter, com muita troca de posicionamentos dentro da quadra, eu comecei a me machucar muito. E aí eu tinha que... Muitas das vezes eu fui prá competição e eu tinha que tomar *muito remédio* prá conseguir findar essa competição. Eu gostaria de deixar registrado que em uma das competições no estado de Goiás, eu fui cuidada... Eu tinha uma final ou uma semifinal de jogo, não lembro bem, e eu fui cuidada por um fisioterapeuta de uma equipe que me tem... Eu tenho um respeito por esse rapaz até os dias de hoje. Ele ficou *a noite toda* dentro do meu quarto, cuidando da minha perna, prá que eu, no outro dia, tivesse condição de entrar numa quadra. Então isso que o futsal fez comigo, me dá [choro]... É... Pára um pouquinho.

[GRAVAÇÃO INTERROMPIDA]²

M.L. – Podemos continuar?

A.S. – Sim. Podemos.

² A entrevistada emocionou-se bastante, chorou copiosamente, pediu “um tempo para respirar” e continuar a entrevista.

M.L. - Meire, além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte ou com algum projeto social esportivo?

A.S. – Sim. É...

M.L. – Poderia falar?

A.S. – *Posso sim.* Eu moro numa comunidade, né, em Salvador. Morava, né? Numa *comu* de Salvador, na qual eu trabalhava já com Educação Física, e comecei a visualizar o que eu poderia tá fazendo para a minha comunidade, né? E eu costumo dizer que a condução do trabalho desse projeto, que é a Escolinha de Futebol São Lucas, a condução desse trabalho eu até direcionava, mas era muito a condução de um cidadão que eu chamo J.C., porque eu sou íntima dele, né, de Jesus Cristo, e eu comecei a observar a comunidade toda e em uma das minhas conversas com Jesus Cristo ele disse: "Olha prá dentro da tua casa" [emoção]. Eu já era uma profissional dentro do esporte, gabaritada, eu trabalhava no Pólo Petroquímico de Salvador com as empresas de... Era coordenadora de esporte de grandes empresas... Depois eu fui trabalhar na Refinaria Landulfo Alves, coordenando o esporte do sistema Petrobrás... Só que eu me distanciava muito de tudo que eu tava... que a minha comunidade vivenciava e eu, no momento, num desses meus papos com Jesus Cristo, ele disse prá eu olhar prá minha casa e a minha casa era a comunidade. Então eu... é... fiz um projeto, entreguei ao padre da comunidade e esse padre abraçou a causa. Eu comecei esse projeto com doze alunos e ao longo desse período... Na realidade o futebol era somente um chamariz prá gente trabalhar outras questões: questões sociais, a questão de vulnerabilidade... Os meninos e as meninas que estavam inseridos eram muito vulneráveis à violência urbana, não só do tráfico de drogas, mas a gravidez na adolescência, a questão do lixo dentro da comunidade. Então a gente começou a fazer um grande trabalho. O esporte era o carro chefe, mas a gente ia conduzindo de várias outras formas. E esse projeto... A gente levou dezoito anos com esse projeto, dentro dessa comunidade, e infelizmente no ano passado a gente deu uma parada no projeto. Eu acredito que essa parada seja uma parada definitiva, porque se por acaso eu me enveredar, fazer uma outra coisa, precisa ser de forma diferente, já que *tudo* dentro da sociedade mudou durante esses dezoito anos e a gente precisa realmente tá acompanhando todo esse processo. Esse projeto

me fez crescer muito enquanto ser humano, enquanto cidadã de mundo. Esse projeto me levou prá caminhos... totalmente que eu nunca pensei na minha vida [emoção]. E esse projeto, eu perdi muito, perdi saúde, perdi... É... Perdi juízo, quase que eu perco o juízo, né, porque até os dias de hoje eu preciso ter um acompanhamento psicológico. Mas esse projeto, eu... Hoje, eu consigo vivenciar que ele foi um projeto totalmente - prá uma comunidade da década de noventa, início dos anos 2000 - um projeto de *super importância*, porque além de sair grandes atletas desse projeto, tem... A gente tem jogador de futebol em várias equipes, mas também saíram grandes homens, né? E eu me cobrava muito, porque eu achava que eu deveria ficar o tempo todo pontuando e contando aqueles meninos que eu perdi, né, que foram também *vários!* Muitos eu perdi prá o tráfico de drogas, prá violência... Então eu me cobrava muito e por conta disso, eu tive que procurar ajuda psicológica. Mas em um... Outros papos que eu tive com Jesus Cristo, ele me perguntou, ele me fez uma pergunta: "E os que deram certo? Você contou? Sabe quantos deram certo?" E eu realmente não tinha me atentado prá isso e a partir desse momento eu comecei a observar que, daqueles meninos, hoje eu tenho médicos, hoje eu tenho alunos que são engenheiros, são alunos que fizeram Técnico em Informática... Inclusive, quem veio colocar minha antena parabólica na minha casa, foi um dos meus alunos que... Eles não se colocam... Nunca se colocaram como meus alunos, eles sempre se colocaram como meus filhos [emoção e choro]. Então foi um projeto que me deu... Assim como a minha família, me deu a base para que eu seja essa pessoa que eu sou hoje. Muito... é... mais transformada, muito mais moldada do que o que eu era há vinte anos atrás [choro].

M.L. – Meire, você tem noção de quantos alunos você atendeu nesse projeto?

A.S. – Ontem eu peguei umas pastas, mexendo, procurando as coisas prá você... eu peguei numa pasta e... Eu não me dou conta, mas eu... A última vez que a gente fez uma contagem, a gente tinha mais ou menos uns três mil e poucos alunos.

M.L. – Entre meninos e meninas?

A.S. – Meninos e meninas. E no projeto a gente... As meninas podiam fazer tudo o que os meninos faziam. Assim como eu fui agraciada pela minha família, que eu podia fazer tudo, lá também elas podiam fazer. Inclusive tem uma que é... Joga no Campeonato Baiano, né?

Ela joga... Hoje ela tá... Fabiane tá jogando pela equipe do Vitória, mas ela já jogou em várias outras equipes e foi aluna nossa lá do projeto.

M.L. – Olha aí, o que J.C. lhe disse.

A.S. – J.C. é retado [risos]!

M.L. – Meire, como era a sua rotina ou organização para você arbitrar e conciliar a arbitragem com as tuas outras funções diárias?

A.S. – É uma *rotina pesada*, né, porque prá gente trabalhar com a arbitragem, a gente precisa ter... Disciplina, a primeira coisa, né? A gente precisa ter muita disciplina, principalmente em termos técnicos. Quando a gente vai prá uma quadra... Mas antes da gente entrar numa quadra, a gente precisa tá melhorando a nossa qualidade física, porque sem o seu físico você não consegue fazer uma partida de futebol de salão. É... Você precisa tá melhorando, tendo base com uma nutricionista, porque você precisa ter todo um amparo nutricional, e você precisa ter *parceiros*. Quando eu tava no auge da arbitragem, eu trabalhava somente no projeto social, e eu tinha um grande parceiro. Meu parceiro era o padre, o padre André, que quando eu recebia uma convocação ou quando Paraguassu, às vezes, me ligava prá dizer prá eu me preparar prá ir prá tal competição, eu sempre ligava pro padre, ou quando ele não estava no Brasil, porque o padre é Belga, quando ele não estava no Brasil, e eu aí encaminhava prá ele... A gente não tinha as redes sociais que nós temos nos dias atuais, então a coisa era um pouco mais... um pouco mais de dificuldade, mas eu entrava em contato com o padre e de imediato ele dizia: "Vai fazer o seu trabalho, viaje, faça... Passe o tempo que você... Que for necessário prá você desempenhar a sua função". Então no meu caminho, no meu legado, eu sempre permeei por pessoas que sempre me ajudaram muito.

M.L. – Meire e a questão do treinamento físico? Como é que você organizava esse treinamento físico? Fazia algo específico para a arbitragem? Como é que era essa preparação extra quadra?

A.S. – Mesmo sem não... sem não ter um ganho financeiro substancial, porque a arbitragem não te dá isso, eu tinha um *personal trainer* que fazia a condução do meu trabalho durante uns doze anos, mais ou menos. Então eu tinha um trabalho voltado todo prá minha condição física.

M.L. – Você fazia curso de atualização de futsal? Com qual periodicidade? Como é que esses cursos aconteciam?

A.S. – Todo ano. A Federação Baiana disponibilizava, todo ano, curso de atualização de regra. E quando eu ia pras essas competições, sempre tinham também... Nessas competições nacionais sempre tinha um bate-papo sobre a atualização das regras.

M.L. – Ao longo de sua trajetória como árbitra, sua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, mudou?

A.S. – *Muito.*

M.L. – Por quê?

A.S. – Porque eu era muito... Eu era uma pedra preciosa, mas sem ser lapidada, e a Confederação me lapidou, sabe? Eu sabia muito, tinha... Sabia o que tava fazendo, mas tinha algumas coisas que eu fazia aqui no meu estado que era permitido, mas era meio estranho em outras localidades, entendeu? E a Confederação fez isso comigo, sabe? Ela me lapidou e, realmente, quando eu encerrei o meu processo, eu era um diamante bem bonito [riso], não era mais aquela pedra que precisou ser lapidada.

M.L. – Então houve um amadurecimento de Meire com relação ao trato com atleta, com dirigente. Como é que foi essa sua mudança?

A.S. – Eu realmente aprendi isso no meio das confederadas, nos eventos de Confederação, porque aqui... Tudo o que eu fazia aqui, estava de bom grado, estava bom, mas a gente precisa sempre tá querendo mudar alguma coisa. E como eu tinha já um certo patamar dentro do meu estado, arbitrando jogos masculinos, então quando eu chegava num jogo

feminino era daquele jeito mesmo; e quando a gente começa a transitar em outros espaços e com outras pessoas que tem... Você vai colhendo o que é bom de um, o que é bom de outro, o que você pode se melhorar. E eu fui construindo muito a minha arbitragem, a minha forma de arbitragem, ao longo do tempo assim, observando as colegas, tirando o que era bom de um, o que era bom de outro e inserindo naquilo que eu sabia que eu poderia melhorar.

M.L. – Você lembra se alguma regra ou alguma forma de organização das árbitras ou da Confederação, com relação a essa arbitragem feminina, mudou durante o tempo em que você fez parte do quadro?

A.S. – Não lembro.

M.L. – Nada que te chamasse atenção... Do como era feito, alguma mudança que foi mais perceptível?

A.S. – No início a gente poderia até ficar no mesmo hotel que as atletas e em algum momento isso não era mais permitido, assim, as atletas... Quando colocava a gente no hotel, esse hotel não tinha atletas, era um hotel somente para árbitras. Então, existia um respeito, um distanciamento, prá que outras coisas não viessem acontecer.

M.L. – Meirinha, e a questão do uso da calça branca? Calça impecável, cinto, o sapato branco...

A.S. – *O clássico!*

M.L. – Isso! Você pegou essa fase de transição entre a...

A.S. – Sim.

M.L. – Como é que foi essa mudança?

A.S. – Um choque de realidade, porque todo mundo dizia que ia acontecer, mas a gente só visualizava isso no sul, porque o sul que veio fazendo algumas transformações. E eu mesma fiquei muito triste, porque eu andava de calça de linho, *impecável*, sabe? E quando veio o uso do short... Misericórdia! Aquele bolso atrás prá colocar cartões. A gente não sabia onde... A melhor forma da gente... E a gente conversava muito no... Na primeira competição que nós fomos que teve essa mudança, a gente foi fazendo algumas... é... Adequações, porque a gente já tava... É praticamente que normal a gente ter algumas ações, né, de mão, de jeito de pegar algumas coisas que tá no corpo da gente, numa calça, e quando a gente se viu com as *pernas nuas* e... E em *algumas regiões* a gente *pediu* que retornasse prá usar a calça, porque... Imagine você ir prá uma competição em Caçador, no mês de maio, você ir numa competição em Londrina, no mês de maio, você ir numa competição no Rio Grande do Sul, no mês de maio; então era *muito frio*, principalmente para nós que somos nordestinas, então a gente solicitou, em alguns momentos, que utilizássemos a... o uso da calça branca. Era prá todo mundo? Não. Se você concordasse e o Diretor que tava acompanhando a gente naquele momento acordasse que a gente poderia usar, a gente usava; mas houve, em alguns momentos, uma intransigência muito grande.

M.L. – Então prá você deixar a calça branca de linho prá usar o short...

A.S. – *O clássico! O clássico!* Meu clássico de... sabe? De você entrar na quadra e realmente se transformar quando você vestia aquela roupa. E quando... A inserção da bermuda preta ou *cinza*, porque também existia uma outra cor de bermuda; a bermuda preta ou a cinza, a gente... eu mesma, eu me senti em alguns momentos que estava nua. E achava que essa interferência do futebol de campo, ia fazer com que a gente perdesse muita coisa. Eu acho que foi um ledão engano da minha parte, né, porque só fez mudar... Mudou, mas até a movimentação com o short prá nós, hoje, eu entendo que é melhor, mas num... Eu sou... Eu sou nostálgica [risos]. Aquela, aquela forma de você se vestir, com aquela calça branca, aquele cinco, aquele sapato impecável... Isso eu... Realmente... Ficou prá trás.

M.L. – E quando você entrava na quadra, chamava atenção, né?

A.S. – Eu pretinha, minha filha, Ave Maria! Chamei... chamava atenção em vários aspectos [risos]. Teve um evento em Santa Catarina, não me lembro em qual local, que... Eu sou neta de índia e de negros, então os meus traços são muito misturados, né? Eu sou o verdadeiro povo brasileiro. E quando eu... É... Meu cabelo é muito liso e muito fino e eu cortava bem miudinho, assim, prá me dar habilidade de eu me movimentar, porque cabelo grande... Vocês que têm cabelo grande e... Prá arbitrar tem que ter todo um traquejo. Em determinado momento, ia um grupo de rapazes... Todos os dias esse grupo de pessoas ia e esse grupo de pessoas ficava me olhando, me observando. Aí um... Eu acho que foi numa quarta-feira... Uma competição longa, numa quarta-feira, esse rapaz desceu da arquibancada e me perguntou se podia pegar no meu cabelo. Aí eu disse a ele assim: "Porquê?" Ele falou assim: "É peruca?" Ele me perguntou: "É peruca?" Aí eu disse: "Não, é cabelo". Aí ele falou: "Eu posso pegar no seu cabelo?" Eu disse: "Pode". Aí ele pegou no meu cabelo, aí olhou para os colegas que estavam em cima e gritou assim: "É cabelo! É cabelo, é cabelo dela mesmo!" Aí... O que nos dá a entender, né? Que esse nosso Brasil é tão plural, que as pessoas de algumas localidades, no caso Santa Catarina, não sabiam que existiam *negros do cabelo liso*, entendeu? Então, assim, há uma... Realmente é... A arbitragem também nos leva a esses saberes e a essa amostra da questão cultural que também existe em nosso país. Esse era um dos pontos e dentro da arbitragem também eu tinha alguns traquejos, né? Eu utilizava o apita de dedo e quando era o intervalo de um tempo pro outro, eu tinha alguns artifícios, né? Eu sempre, na mesa que o pessoal tava trabalhando, tinha um pente e uma toalha branca com o meu nome. Então, assim, já sabia que quando eu saía, eu ia virar prá arquibancada e ia pentear meu cabelo e a galera ia ovacionar: "Êêêêêêêê!". Seja lá onde eu estivesse... E as pessoas que trabalhavam comigo, na mesa, já sabiam. Quando eu ia, já chegava com minhas coisinhas e botava lá. "Não, bota aqui, que é de Meirinha". Às vezes, o dirigente não entendia: "O que é isso aqui mesmo?" "Deixe aí que é de Meirinha. Deixa aí" [risos].

M.L. – Coisas da arbitragem, hein Meire?

A.S. – Coisas da arbitragem.

M.L. – Meire, após a normatização do acesso de árbitras à quadra de jogo, na década de 2000, conduzindo as partidas, você acha que mudou alguma coisa no cenário do futsal nordestino e/ou brasileiro?

A.S. – Mudou muito. Essa visualização do que era, realmente, o futsal feminino, *mudou muito*. E quando... Até as meninas, quando viam que quem ia apitar o jogo delas eram mulheres, a condução era outra. Era totalmente diferente e houve uma mudança substancial.

M.L. – Você acha que essa mudança, em termos qualitativos, foi melhor para o futsal?

A.S. – Melhores. Melhores, sim. A gente pegou algumas competições... Inclusive uma competição... É... Na UNIFOR, de Fortaleza, aonde nós só tínhamos mulheres trabalhando, e o respeito que se tinha quando a gente chegava ao ginásio, à visualização de dizer: "Vixeeeeeee. Chegou". As atletas dizendo: "Não, quem vai apitar meu jogo são mulheres!" Porque até elas também sofriam muito quando eram os homens que iam fazer a condução de uma partida.

M.L. – Meire, como era a sua relação com a Federação a qual você estava ligada?

A.S. – Excelente.

M.L. – E com a Confederação?

A.S. – Excelente.

M.L. – E com as outras árbitras que compunham a Federação e também a Confederação? Como é que era essa relação?

A.S. – Até hoje eu tenho, assim, esse estigmazinho muito de mãezona, né? De cuidar uma da outra, de ter esse cuidado com, com... Não só com as árbitras, mas também com as pessoas que nos cerca, né, porque a gente quando vai prá uma competição, tanto aqui no nosso estado como fora, tem *muitas pessoas* trabalhando ao nosso redor, prá que aquilo

funcione da melhor forma possível. Não só prá o nosso trabalho, né? Então eu sempre... é... consegui ter uma simpatia, um respeito muito grande por essas pessoas. E facilita... e facilitou muito à minha vida até os dias de hoje. Eu tenho *grandes* amigos dentro do futsal. Eu tenho *mais* amigos no futsal nacional... Aqui na minha cidade eu tenho poucas amizades do futsal... Um *grande* amigo-irmão, que é Dégison Cerqueira, que é um homem que me ajudou *muito* em vários aspectos; tem Barreto, que ajudava a me lapidar, também, assim, em termos de, de... São pessoas que eu não vejo há *muito tempo*, mesmo morando na mesma cidade, mas são pessoas que eu quero um bem, assim, enorme! Já falando em termos de Confederação, nós árbitras, nós temos um grupo no whatsapp, no qual a gente se fala praticamente todos os dias. Tem algumas pessoas que são muito mais próximas e que começou esse processo todo junto comigo aqui no Nordeste também, que é Renata Leite, da Paraíba, e Ana Lúcia, que é minha madrinha, que foi quem me descobriu aqui. A gente tem uma relação de irmandade mesmo, de estar próxima. Mesmo estando distante, a gente tá muito próxima. Tem outras pessoas, assim, várias: Sigrid, do Distrito Federal: Pulga, do Ceará; Madê; e uma série de meninas... Ana Lurdes, do Rio Grande do Norte... Nós temos realmente... É... O legado que ficou do futsal, prá mim, é essa família futsal, que a gente se vê e se encontra todo momento. Das Confederadas! Porque das Federadas eu não tenho acesso a ninguém, não consigo ver, falar. Hoje você tá vindo na minha casa, mas você veio muito próximo da minha casa no início do ano e você sabia que eu já estava aqui, mas você não veio e nem ligou: "Negona, eu tô aqui, vem me ver". A gente não tem isso, como tem do Brasil todo... As meninas do Brasil chegam aqui na Bahia, eu vou vê-las, elas vão ligar prá mim e dizer: "Neguinha, eu tô em tal lugar", e eu vou vê-las em qualquer lugar, assim como eu poderia fazer com qualquer uma de vocês, mas parece que dentro do meu estado as coisas bloquearam. Assim, quando eu me distanciei, parece que bloqueou. Eu não vou mentir prá vocês que eu sinto falta. Não sinto falta, porque hoje a minha vida tá indo num caminho totalmente adverso do que é isso, mas... É... Estar com vocês hoje aqui, nesse momento, prá mim é muito, *muito legal, muito prazeroso* e a gente se bater, se encontrar... Eu me encontro com árbitras do Brasil todo, uma vez por ano, e eu não consigo encontrar com os árbitros da minha Federação, dentro do meu estado. Então isso, realmente, é um distanciamento muito grande. O que aconteceu? Eu também não sei, mas J.C. deve saber. Em algum momento deve ajustar [risos].

M.L. – Meire, ao longo de sua trajetória, você acha que recebeu algum tratamento diferenciado por ser árbitra? Por parte de dirigentes da Federação ou da própria Confederação?

A.S. – Em que... De que forma?

M.L. – O trato, o reconhecimento, a indicação prá partida A, B ou C. Houve essa diferenciação?

A.S. – Eu sempre fui bem cuidada. Eu sempre cuidei *bem* das pessoas e sempre fui bem cuidada. Dentro da Confederação... Dentro da Federação sempre tive um relacionamento ímpar com meus colegas, com os dirigentes também; então é... quando eles me indicavam prá uma competição ou outra, dentro do âmbito estadual, porque dentro do âmbito nacional quem sempre fez esse trabalho foi Paraguassu Fischer, que é meu eterno Diretor, uma pessoa que eu tenho um carinho imenso, uma pessoa que nesse processo de lapidação, ele tem uma importância muito grande. Dele dizer assim: "Você tem potencial, vou te botar aqui, vou te levar prá tal lugar e eu quero que você faça assim". Entendeu? Então é uma pessoa que me amparou muito. Quando eu até achava que tava sozinha, ele: "Não. Você quer ir prá competição com quem? Esse jogo aqui é assim. Eu quero que você apite esse jogo. Dê uma olhada aí, veja quem é que tem o perfil...". Então assim, eu sempre fui bem cuidada. Eu sempre cuidei de pessoas e sempre eu tive esse respaldo muito grande. É... A minha relação não só com os dirigentes, né? Tem Daniel Pomeroy, que é um grande amigo. Um *grande amigo* prá todas as horas. É um cara que tem uma mente... é... do outro mundo. Que eu acho que ele tá no lugar errado. E aí nós temos os ex-dirigentes da Confederação, *todos* eles tinham um carinho muito grande pela minha pessoa. No lugar que me encontrava, sempre teceu grandes elogios, teve um respeito muito grande pelo meu trabalho. Sair de um estado como o meu, aonde praticamente não se tem nada e galgar um âmbito nacional e ter um respeito e um respaldo todo, foi uma construção não de um dia pro outro, né? Foi uma construção que vai levando um tempo. Porém, quando a gente dá uma observada e olha pra trás e vê todo esse legado que foi deixado, é um sentido assim, de que realmente a missão foi cumprida e que eu fiz aquilo que foi o melhor, não só para a minha pessoa, mas para o meu estado, para o meu país, dentro daquilo que eu sabia fazer de melhor, que era arbitrar partidas de futsal. Tanto masculinas quanto femininas.

M.L. – Meire, e com relação aos dirigentes, às comissões técnicas, aos próprios jogadores e jogadoras, havia esse trato diferenciado por você ser mulher na condução de um esporte que era, por muitas vezes, essencialmente masculino?

A.S. – Aqui. Aqui sim. Aqui eu tive que enfrentar inúmeras barreiras. É... No futebol de campo, no início todo do futebol de campo - porque o meu legado foi o futebol de campo; o futebol de salão foi consequência do trabalho que eu vinha desempenhando no futebol de campo - eu sofri muitas barreiras. De chegar em alguns lugares e as pessoas dizerem que eu não ia apitar. Sim, *vários lugares*. "Mulher apitar? Aqui não. Aqui mulher não apita não". E aí o colega que tinha me levado, aí: "Não, deixa ela apitar". Insistia muito: "Deixa ela apitar, deixa... Deixa ela fazer o trabalho, ela sabe trabalhar". E eu ficava murchinha, quieta, respirando aquele ambiente... É... Muitas das vezes até precisando do dinheiro daquela arbitragem, né? E quando eles davam oportunidade, quando terminava o jogo, o pessoal sempre vinha: "Que dia você vem de novo?" Aí eu dizia: "Eu só venho se a cota for tal". Eu me valorizava. Eu me valorizei o tempo todo: "Eu venho pro teu campeonato, mas só se você dobrar *minha cota*". "Ah, não, não posso, vim. Eu tenho outro compromisso". Então assim, a gente precisa também ir se policiando prá que... não deixar que essas coisas negativas que vem e vem com força, ficar induzindo você a dizer: "Ah! Eu vou parar. Vou deixar prá lá". Eu não, eu me fortalecia cada vez mais. Cada lugar que eu ia e que dizia assim: "Mulher apitando? Ah não. Deus me livre! Mulher não vai apitar aqui não. Lugar de mulher não é aqui não. Lugar de mulher é em tal lugar!" Então assim, eu respirava, buscava esse Deus vivo que eu acredito e que eu tenho, e quando eu entrava no campo... Fazia minhas orações, fazia todas as minhas coisas e dizia: "Agora sou eu e eu". E pronto!

M.L. – Meire, quando você relatou que diziam: "Não, mulher não apita aqui". Essa negativa de você não poder atuar, partia de quem?

A.S. – Dirigente, atleta, todos. Todos. Foi um período... O início desse processo, nega, foi um período muito complicado no país. O país tava sendo conduzido, tava tentando ter uma redemocratização, mas com essa ideia e essa fomentação do patriarcal, do homem, de: "Sou eu que mando, você vai fazer o que eu..." E eu *nunca* tive isso dentro da minha casa. Eu sempre fiz tudo o que eu achava que era permitido, dentro das normas. Eu sempre fiz o

que... “Ah, eu quero fazer isso!” Meu pai dizia: “Eu tô com você!” Minha mãe dizia: “Eu tô com você! Vamos fazer. Agora você não pode infringir nem isso, nem isso e nem isso, mas se você quer fazer, vá fazer”. E quando eu chegava no campo ou numa quadra e dizia que não ia fazer, eu esperava o momento e aí eu me debruçava prá fazer o trabalho *mais perfeito possível*, prá dizer àquelas pessoas assim: “Eu sou capaz. Eu sei o que eu estou fazendo. Eu estudei prá isso. Eu não tô fazendo de qualquer coisa”. E quando a gente... Prá ser árbitra, a gente precisa estudar e você precisa estudar *tudo!* Aonde você vai, de que forma você vai conduzir aquela partida, com quem você está. Então eu estudava, eu sempre trabalhei muito com o mundo, então eu estudava *tudo* antes de ir prá uma partida. Que fosse de várzea, e mesmo que fosse dentro de um ginásio, ou dentro de uma Fonte Nova, porque eu também já apitei dentro da Fonte Nova. Então assim, quando eu fui apitar a primeira vez dentro na Fonte Nova, eu... Prá mim era nada, aquele meio mundo de gente, porque eu era acostumada a apitar em lugares de barro, aonde... Em várzea mesmo, aonde a torcida tava *bem perto*, lhe *gritando*, dizendo isso... Aquelas palavras que machucam. Quando você vai apitar num lugar que a arquibancada tá bem longe de você, você... Aquilo ali prá mim... O colega olhou prá mim e falou: “Mulher, você tá apitando. Você tá na Fonte Nova! Você tá na Fonte Nova! Você tá no ginásio da AABB³ apitando um campeonato nacional, dentro do seu estado!” Aí eu disse: “E aí?” Prá mim era uma coisa assim, muito, sabe, normal. Porque é essa lapidação! Aí... Mas tem... Hoje é o contrário, né? Àquelas pessoas que nunca passaram por nada, chegam se achando... “Ah, ah...” Daqui a pouco... O jogo não vai! O jogo não vai! Aí você vê determinadas situações... A gente que é arbitra, aí dá uma olhadinha: “Vish, Maria, o que é aquilo ali?”

M.L. – A gente não assiste ao jogo como torcedor, a gente assiste o jogo prá assistir a arbitragem, né?

A.S. – É... Aí... É por aí.

M.L. – Meire, com relação às torcidas, houve xingamentos, vaias, houve agressão verbal, houve agressão física? Como é que foi a tua relação com a torcida?

³ Associação Atlética Banco do Brasil.

A.S. – No futebol de campo é mais complicado, né? Mas no futsal... É... Quando eu cheguei ao futsal, eu já tinha uma certa bagagem, né? Eu já tinha um certo, um certo nome e eu não tive dificuldade nenhuma desde quando a... A torcida, às vezes, prá mim nem existia, porque eu tava tão focada no que eu estava fazendo, que a torcida nem existia mesmo e quando terminava o jogo, eu pegava meu material, minhas coisas, pegava meu ônibus ou meu carro e vinha embora. Então não tinha... Esse... entendimento. Já quando eu fui, quando comecei a trabalhar nos campeonatos nacionais, aí sim que eu fui observar que aquelas pessoas, aqueles torcedores, aquelas pessoas existiam, e que aquelas pessoas também faziam parte do espetáculo. E se eu pudesse, depois de um jogo, que aconteceu várias vezes, tirar uma munhequeira... Alguém tá gritando meu nome do lado de fora e eu tirar uma munhequeira e dar a uma pessoa como um brinde ou alguma coisa que fosse alusiva ao meu estado... Eu sempre preservei muito essa questão do meu estado nos locais que eu ia. Eu sempre levava a fita do Bonfim, levava coisas da Bahia, e, às vezes, as pessoas sabiam que eu da Bahia, e quando passava, quando terminava o jogo: "Eu quero falar com você!". Eu já permitia esse acesso dessas pessoas e conversava, já tinha um certo entendimento, às vezes dava um souvenir, alguma coisa daqui do meu estado... Então a *minha relação* com a torcida, depois da minha inserção no quadro nacional, foi uma, uma... É... Uma inserção de parceria, de saber que aquela torcida tinha a sua importância dentro daquele contexto. Ouvir xingamentos, ouvir palavras pejorativas? Um ou outro, mas bem pouco. Eu não me lembro de um, um processo assim, muito latente, que tenha ocorrido numa competição, nem estadual e nem nacional. Às vezes a gente pegava jogos acirrados, é... campeonatos... Um campeonato que era bastante acirrado, hoje eu não sei mais, era um que acontecia no Sindicato dos Bancários, né? Que era uma quadra pequena, era campeonato que tinha ex-atletas profissionais. Então... Uma competição que tinha um certo... E mesmo assim eu conseguia já ter uma situação de respeito, já passava por dentro da arquibancada, já falava com um e com outro, já apertava a mão, então a gente passou, realmente, a ter uma relação mais amistosa.

M.L. – Você disse aí, anteriormente, que ouvia algumas coisas que te machucavam. Essas coisas que te machucavam vinham da torcida?

A.S. – Sim.

M.L. – Eram coisas pejorativas? O que é que tanto te machucava enquanto pessoa?

A.S. – "Sai daí, vai procurar... Vai lavar os pratos! A pia tá cheia de prato. Vai lavar roupa. Sai daí..." Rapaz, quando falava isso, eu olhava assim no cantinho do olho... "Primeira... Ah, desgraçado. A primeira oportunidade que tiver eu e você só, eu vou dizer quem sou eu", pensando com meus botões...

M.L. – Já houve, nessa tua trajetória enquanto árbitra, ouvir esses comentários vindos de mulher?

A.S. – Sim.

M.L. – Que estava na torcida?

A.S. – Sim. Vários, vários. *Vários comentários.*

M.L. – E aí, como é que soa prá você? Você é uma mulher, num ambiente que você está adentrando, quebrando uma série de barreiras, e ouvir de outra mulher esse tipo de comentários. Como é que isso soa ao teu ouvido, no contexto social daquele momento?

A.S. – *Triste. Triste.* Com tudo que nós vivenciamos durante todo esse período, é... De ir em busca de conquistas, né, que não nos foram permitidas durante muito tempo, e a gente chegar num patamar, não de igualdade, porque a gente não vai ser igual ao homem nunca, mas a gente precisa manter uma linha de respeito. Se eu quiser fazer o que o homem... é... normalmente faz, eu vou fazer. Agora eu vou tentar manter essa linha de perfeição sim, porque no *primeiro equívoco* que eu tiver: "Ei, psiu, volte. Esse não é o seu lugar. Eu não disse que não ia dar certo?" Então, nós nos cobramos muito e ouvindo isso de uma *mulher, dói muito mais*, porque elas não sabem o *tanto* que nós sofremos prá estar ali ou vestida com aquele short ou com aquela calça, mantendo a sua postura, tendo esse *diálogo, tentando ter...* manter esse diálogo com o esporte e com a sociedade em geral. Então... É... Ainda, nos dias de hoje, é *muito duro* estar vivenciando um tipo de comportamento como esse. E a gente vai, né, um comportamento patriarcal que vai transpondo, não só na questão do gênero, tanto para um lado, como para o outro.

M.L. – Meire, no geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

A.S. – Claro que sim!

M.L. – Poderia citar?

A.S. – É... Imagine que eu levei mais de quinze anos prá apitar uma final de campeonato no meu estado e você observar que árbitros que entram na Confederação ou na Federação, com um ano ou dois, e vão apitar uma final de campeonato. Aí você olha assim: “Eu tô fazendo o que aqui? Eu tô dando nó em pingo d’água, porque, na realidade, a vez seria minha”. Mas ele vai por quê? Porque ele é um homem. Entendeu? Então eu tive que esperar durante muito tempo e eu tive paciência prá esperar porque aquilo prá mim era uma meta de vida. Eu digo: "Eu vou, eu vou passar por todo esse percalço, mas eu vou chegar". Se você me perguntar hoje... Foi tão importante, na minha vida apitar esse jogo, que se você me perguntar hoje aonde foi e com quem foi, eu não sei te falar. Era um desafio. Eu ia passar por aquilo ali, mas hoje, pra mim...

M.L. – Final de competição, adulto, masculino e estadual.

A.S. – Pronto. Cheguei aqui? Agora eu posso parar. Agora eu posso parar. Agora eu posso parar, porque quinze anos... Na Federação, eu acho que eu devo ter uns dezessete, dezoito anos de futsal, mas eu tenho vinte e cinco anos de arbitragem. Então assim, passar e vivenciar por tudo isso e *esperar um diretor*, que foi você que ensinou, *você que ensinou a condução* de como se portar em quadra, o que é isso, como é isso, prá que isso e por que isso, e esperar esse diretor achar o *momento* de te encaixar num jogo como esse... E aí você tem que olhar assim [riso]... Respirar, e eu não vou mentir prá vocês, eu fui *muito forte*, *muito forte*, porque se eu fosse uma pessoa fraca, eu já tinha desistido há *muito tempo*, como outras mulheres que não conseguiram. E o que me fortaleceu *muito*, muito, prá que eu não desistisse, dentro do meu estado, foi essa inserção no quadro nacional. O amparo que nós temos de *seres humanos* dentro desse quadro é *insubstituível*. O que um faz pelo outro, não só na competição. *Nós somos cuidadoras de pessoas*. Nós, mulheres do quadro nacional, nós somos cuidadoras de pessoas. Tem pouco tempo que você me... Eu nem me

lembrava disso. Mas quando você foi à sua primeira competição você me lembrou: "Meire, você teve o prazer de ligar prá mim, você vai com fulana de tal, com cicrana e com cicrana. Você não vá arbitrar somente nas quatro linhas, arbitre fora dela também".

M.L. – Isso eu não vou esquecer nunca.

A.S. – Mas foram outras pessoas que me ensinaram isso. Então *o legado é para ser passado, não é para ser guardado, nem constituído*. É... Quando eu disse que não ia mais apitar, eu tinha logo uma competição subsequente. No início do ano tinha uma competição. Tiara fez o teste e passou e eu não fui fazer o teste, porque já tinha dito que prá mim já tinha findado mesmo. Tiara ia prá competição em Recife e Tiara não tinha nada. Eu tinha recebido uma mala cheia de coisa e eu peguei *tudo* que eu tinha recebido no início do ano, coloquei tudo dentro da mesma mala, dentro da mesma mochila, casaco, tudo... Me pergunte o que é que... Cadê? Minha filha, até os dias de hoje, ela me fala muito e fica chateada comigo quando fala: "Cadê sua última camisa, Mainha? A camisa que a senhora apitou a última vez?" Eu não tenho mais, eu dei tudo. Não me pertence mais, é uma coisa que... Prá que eu vou ficar com isso? Hoje, eu mexendo nas contas, mexendo nas coisas, achei esse conjunto de plaquetas de mesa. Eu vou usar isso aonde? Mas você deve ter, na sua Associação de Árbitros, alguém que não tem esse material. Aí você vai dizer: "Olha, alguém mandou te entregar". Precisa dizer nome não, porque a gente tá aqui prá isso. *Amor*. A gente veio prá dar amor, a gente veio... O futsal também faz isso com a gente. Não é a gente ficar: "O que eu sei é comigo. Vai morrer comigo". *Tudo* o que eu aprendi, *tudo* o que eu recebi, eu dei. O futsal prá mim foi isso. Tudo o que eu recebi do futsal, eu transpus, não só em material... Por que você está na minha casa hoje? Entendeu? Então esse é o legado e muitas vezes as pessoas não entendem isso. "Ah, Meirinha é boçal. Sumiu. A gente precisa. Está aqui no sufoco". Eu posso contribuir de outra forma dentro desse processo. Eu posso contribuir de outra forma, assim como eu contribuo com todas as árbitras do Brasil. Aconteceu um acidente com Catu, você sabia?

M.L. – Eu não sabia.

A.S. – Quando ela saiu do hospital, ela ligou prá mim: "Nega, olha o que aconteceu comigo". Falei: "Nossa! O que foi isso?" Aí eu disse a ela: "Teu anjo que te guarda é forte.

Você é uma pessoa espiritualizada e não era seu momento. Tenha paciência. Chora. A gente sorri *junto!*" Coisa que eu não consigo e isso me incomoda muito ainda. Não conseguir fazer o que eu faço no Brasil todo, com as pessoas que estão do meu lado. Então... Vai passar. Vai passar.

M.L. – Meire, ao que você atribui um número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

A.S. – Coragem. Tem pessoas que está dentro do futsal tem vinte anos e não tem peça de reposição. Desculpe, peça de reposição é muito redundante [riso]. Não tem como você substituir ou a pessoa que está não quer deixar o espaço aberto prá outras pessoas. Porque se a gente fidelizar a arbitragem, hoje, a gente vai continuar com as mesmas pessoas. Eu já tinha um legado dentro da arbitragem, poderia... É... Deixar o espaço aberto prá *outras pessoas* que eu via que tinha... Já estava chegando... Aquilo que fizeram comigo eu não ia fazer com vocês. Aquilo que fizeram comigo... Sabe? De me segurar: "Você vai fazer... Você só vai estourar quando *eu quiser*". Eu não podia fazer isso com vocês. Então, umas das formas que eu vi de aparecer outras Meires, era me distanciar, era sair do processo. Meire tá no esquecimento. Ninguém fala mais de Meire, mas fala de Tiara, mas fala de Dôra, mas fala de Paulinha, mas fala de Nadjara. Beleza? Então... Era isso que eu queria. Eu não queria que vocês ficassem falando o tempo todo: "Ah, Meirinha foi isso, Meirinha aquilo...". Não! *Meirinha foi! Agora* quem precisa construir outro caminho da sua forma e do seu jeito, são vocês. E infelizmente, dentro da arbitragem, tanto masculina como feminina, as pessoas não estão preparadas para isso. Muitas das minhas colegas, de fora, ficavam perguntando assim: "Mas tu és burra, hein? Oh preta burra!" E eu dizia assim: "Por quê?" "Rapaz, quando você estava no auge, você largou". Aí eu disse: "É. Deus sabe de todas as coisas, a gente é que não sabe de nada". Eu já tinha essa meta. Você acha que eu ia ficar cinquenta anos apitando é? Prá você não aparecer? Prá Tiara não aparecer, prá Paulinha... Porque se eu quisesse continuar, eu ia até de muleta, mas vocês iam aparecer? Iam?

M.L. – O legado... O espaço, né?

A.S. – Vocês iam aparecer? Hoje não... Às vezes eu encontro um atleta: "Oh Meirinha, cadê você, rapaz? A gente tá precisando de você..." "Que nada! Tem gente lá para apitar..." "Oh Meirinha, mas tá assim..." "Epa, psiu... Como é que tá seu filho, sua filha?" Arbitragem fica lá. Não quero saber de nada. Tô fora do processo e não quero saber.

M.L. – Meire, o que poderia ser feito para que aumentasse esse número de mulheres dentro da arbitragem do futsal nordestino e até mesmo brasileiro?

A.S. – Da mesma forma que acontece com o futebol, deveria acontecer com a arbitragem: começar a trabalhar com a base. Aqui na Bahia nós temos uma escola, a DEBAF⁴, que é até de um amigo nosso, o Rildo, que ele desenvolve um trabalho de escolinha. Eu já fui diversas vezes lá [riso]... Imagine... Eu já fui lá, já fiz palestra com esses meninos, já conversei, já bati papo com eles. Ele tem um processo de trabalhar com crianças e adolescentes prá chegar a ser árbitro, prá ter vivência. E nós não estamos preocupados com isso. Nós estamos preocupados em o árbitro chegar, fazer um curso - quem faz curso, ganhar o seu dinheiro - colocar prá apitar prá você passar por um período de experiência ou de estágio... Muitas das vezes, nesse período, muitas pessoas deixam de apitar, porque vão vivenciar e conhecer o que é arbitragem - e arbitragem *não é uma coisa fácil!* Se você não tiver um *equilíbrio emocional* e se você não tiver *uma boa relação interpessoal*, você não consegue militar na arbitragem. Então, uma das coisas que mais distancia esse número de mulheres que nós temos hoje no quadro - que prá uma perspectiva de vinte anos atrás, a gente *tá bombada, tá bombada!* Tá com um número *enorme* de mulheres dentro da arbitragem, prá o que era anteriormente, mas e quando a maioria tiver que sair? Ou quando a maioria se afastar, como foi o meu caso? Como é que fica? Se eu não tivesse colocado esse legado dentro da minha Federação, trabalhado com vocês, vocês estariam aqui? Poderia até estar, mas fazendo coisas totalmente além ou muito aquém do que a arbitragem precisa. E isso eu continuo afirmando: a minha saída foi uma saída *estratégica* para que outras mulheres começassem a ter esse espaço garantido. Um espaço garantido, mas um espaço garantido com boa qualidade, prestando bons serviços, sendo uma boa pessoa. E isso foi realmente esse legado que eu fui deixando com o passar do tempo.

⁴ Departamento Baiano de Futebol.

M.L. – Meire, você percebia ou percebe, alguma diferença na condução das partidas, no portar-se, entre as árbitras do Nordeste e de outros estados do Brasil?

A.S. – É... O Brasil é muito plural e... É como eu disse a você, como eu fui lapidada, muitas outras precisam ser lapidadas. A gente tá falando do Nordeste, mas se a gente for à região Norte, é muito diferente daqui do Nordeste a forma de condução de uma partida. Aí se você observar a forma de condução de uma partida, hoje, do centro e do sul do nosso país, é totalmente diferente. Aí quando você chega numa Confederação, onde está todo mundo envolvido, pessoas de vários locais do país, você precisa visualizar o que a Confederação quer, porque dentro do seu estado você trabalha de uma forma e quando você chega à Confederação, a Confederação quer que você... O que é o top hoje? Onde é que está o top da arbitragem e dos clubes? É no Nordeste ou no Sudeste e no Sul? Então a condução que a gente precisa ver e precisa alcançar, é o que estão fazendo os grandes centros. A gente precisa tá se adequando o tempo todo prá essa região. E quando você chega, no seu estado, com essas ideias renovadoras, querendo colocar em prática aqui, aí você toma outro baque, porque você tem que dizer por que, como, prá que e aí os seus próprios colegas ou dirigentes dizem: "Quando você for prá competição nacional, você faz assim, mas aqui eu quero que você faça assim". Eu sofri muito com isso e me debatia muito, em discussões, com os meus dirigentes e com os meus próprios colegas por conta disso. E às vezes eu utilizava a função do meu escudo prá dizer: "*Eu* vou fazer assim!" E aí, quem tava vindo, tinha que seguir o mesmo critério. Aqui dentro do nosso estado a gente tem um ícone do futsal, que é Noildo Macedo. É... Já chegou até a apitar final de Copa do Mundo, então... é... Noildo sempre foi uma das pessoas que dizia assim: "Não, Meire, você precisa tá sendo espelho para que os outros...", porque mesmo os árbitros masculinos da Confederação não saíam tanto para competição nacional como eu saía. Já chegou a acontecer, em um ano, de eu sair prá quatro ou cinco competições nacionais, enquanto meus colegas *homens* só saíam uma vez ou não saíam.

M.L. – Meire, pelo que você vivenciou ao longo da sua trajetória enquanto árbitra, como você definiria ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

A.S. – *Guerreira. Desbravadora.* Eu me considero ou me considerava uma desbravadora, por conta de todos esses processos e esses problemas que nós enfrentávamos dentro dos

nossos estados e chegar num grande centro e desempenhar adequadamente, sabe, e com uma visão de que você estava no grupo top, né? Porque era essa visão. Você faz parte do grupo top, então quando você chegar ao seu estado, você precisa manter a sua postura e muitas das vezes a gente não era... bem interpretada e bem entendida nesse processo. Então, assim, eu me considero uma mulher desbravadora, porque eu fui realmente desbravando vários processos para conseguir chegar ao patamar que eu cheguei dentro da arbitragem.

M.L. – Quais foram às maiores barreiras que você enfrentou ao longo da tua carreira como árbitra?

A.S. – Os colegas e os dirigentes do meu estado. Os próprios colegas e os dirigentes, porque quando a gente se propõe - vou continuar falando isso - a gente se propõe a fazer uma coisa tida como um campo masculino, a gente se renova o tempo todo, né? E quando você sai e chega com essas novas ideias transformadoras, os próprios colegas, que estão ali do seu lado, todos os dias, começam a criar algumas insatisfações e aí vem a questão daquela palavrinha, a questão do ego, a questão da ira: "Por que isso com ela e por que não comigo?" "Ela tá querendo fazer uma coisa que a gente não vai cumprir". E isso ia transformando, porque eu era uma, em um grupo masculino; era uma só, em um grupo masculino de trinta e dois, trinta e três homens. E aí isso ia fazendo com que, às vezes, você ficasse desmotivada. Muitas vezes eu me desmotivava e dizia: "Poxa, vou ter que parar, porque eu vejo uma coisa ali e agora quando eu chego aqui é uma coisa totalmente diferente, querem puxar meu tapete". E era assim mesmo! Às vezes você... Eu chegava de uma competição... A gente chega de uma competição sempre na segunda pela manhã e quando era na terça-feira de manhã, de tarde ou de noite, o dirigente me colocava prá apitar. Eu tava estourada. *Estourada!* Porque todos os dias você pega uma quadra de quarenta metros, prá apitar todos os dias. Eu queria descansar, eu queria estar com a minha família. Quando eu dizia assim: "Eu não posso ir não". "Ah..." Aí cria aquele sentimento e aqueles processos que vocês também vivenciam. Então eu tive muito, muito... Eu tive muitas inquietações. "Por que faziam isso comigo? Por que isso só comigo?" Eu perguntei algumas vezes aos dirigentes: "Poxa, por quê?" "Não, porque se você é top, lá em tal lugar, prá eles lá..." Porque prá minha Federação e pros meus colegas eu nunca fui top. E eu nunca me considerei esse top. Muitas das vezes a gente precisa ouvir o que as outras

peças falam. Eu sei quem eu sou, eu sei o que eu sou, mas eu não preciso tá dizendo a você o tempo todo: "Olha, é isso, isso e isso". Não. É você que tem que entender a minha importância ou não. Então eu nunca fui isso. Eu sempre fui baseada em termos familiares. Minha ancestralidade são pessoas que vieram dos grilhões, a minha ancestralidade são pessoas que foram dizimadas pelos colonizadores. Então eu sempre fui forte. Essa fortaleza dos índios e dos africanos tá dentro de mim e eu sempre fui *determinada* e sofria, mas eu não deixava que aquilo me abatesse nem me abalasse, eu respirava e ia. E foi dessa forma a condução do meu trabalho, dentro da arbitragem, o tempo todo: respira e vai, e mostre o que de melhor você sabe fazer. E aí as pessoas se calavam e diziam: "Infelizmente ninguém pode com ela".

M.L. – Meire, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e brasileiro, como atletas, como técnicas, como árbitras, como dirigentes?

A.S. – Já teve melhor, né? No cenário atual, eu vejo que falta muito ainda, porque imagine que aqui na nossa região - vamos falar em termos de Bahia - a gente tem algumas equipes que participam do cenário nacional, aonde o técnico é o homem. Aí você diz... Aqui em Jauá tem uma equipe que tá treinando num campo aqui bem próximo da minha casa e aí, às vezes, eu vou... Tô aqui em final de tarde, vou ver o treinamento das meninas e fico lá sentada observando. *Toda a comissão técnica* só é de homem. Então a gente já teve algum momento que a gente tentou, sabe? Tentou permear uma igualdade e isso se perdeu muito há cinco, seis anos atrás. Então a observação que eu tenho hoje é que a parte feminina perdeu muito em relação a esse campo, a tá explorando esse campo. Aqui em Camaçari tem uma ex-atleta, Dilma Mendes, que é uma mulher... Ela é de futebol sete, ela é de futebol de salão, ela... Sabe? É aquela mulher que visualiza e vive o tempo todo o futebol. Foi ela que participou desse simpósio que eu falei anteriormente, mas quando ela chegava nos eventos que eu estava apitando, poxa! Quando ela me via, ela dizia: "Pô! Meirinha tá aqui, rapaz!" Aí chamava as atletas: "Ali é baiana, não sei o quê..." Então a importância que tinha isso para o trabalho dela e para o meu trabalho; de ver uma equipe feminina, da Bahia, sendo conduzida por uma mulher com um traquejo que os homens *não têm*. Com esse traquejo que a gente tem e que os homens não têm. Aí se você observar, *todas* as equipes do Norte e Nordeste que participam desse certame, a maioria quem dirige são homens. São homens. A gente perdeu muito esse campo, perdeu muito. Depois da Copa do

Mundo agora, tá esse frisson todo... De todo mundo querendo fazer alguma coisa, mas eu continuo dizendo: "Isso é tudo fogo de palha", porque a mídia está com essa visualização, mas daqui a um ano ou dois, me pergunta essa palavra de novo que eu vou te falar de novo: Continua tudo do mesmo jeito, ou quiçá, pior do que o que está nos dias atuais.

M.L. – Meire, nessa tua vivência de vinte e cinco anos de arbitragem, quais são os pontos positivos e os pontos negativos de ser árbitra de futsal?

A.S. – É... O ponto positivo: o futsal abriu *um mundo* prá mim. O futsal me deu grandes amizades, o futsal me deu trabalho, me deu visão de mundo, o futsal me levou por caminhos que eu nunca pensei em ir e o futsal também me tirou... é... a minha juventude, tirou estar com a minha família. O futsal me colocou em risco várias vezes: quando eu pegava um carro, ia prá uma cidade apitar jogos à noite e, às vezes, tinha que passar um dia todo numa estrada perigosa. Já aconteceram vários acidentes comigo indo ou voltando de jogos. Então o futsal me deu muita coisa, mas ele também me tirou muita coisa. Quando eu... Ontem, eu tava mexendo nas coisas... Tem muito tempo que eu não mexo em nada e existe uma mala, a mala que eu viajava e que ainda tá fechada... Eu acho que tem uns cinco anos que eu não abro essa mala. Tem coisas que eu nem sabia que eu tinha, porque... é... já não faz, realmente, parte da minha vida. O futsal não faz parte da minha vida mais. O futsal faz parte da minha vida em termos de *amizade*, mas eu não frequento ginásio. Eu... A última vez que eu fui num ginásio, eu sofri muito, porque eu vi muita coisa que eu tinha construído, destruída. E isso, querendo... Eu sou um ser humano e isso mexeu bastante comigo. Então, eu prefiro já não ir mais. Mas o futsal me deu visão de mundo, me deu um legado que eu não teria somente sendo professora. Isso... é... eu tive dentro do futsal.

M.L. – Meire, além do que a gente colocou aqui, do que você me relatou, existe algo mais que, por sua trajetória, por sua vivência enquanto árbitra, você queira externar e que a gente não tenha falado?

A.S. – Não. Eu agradeço muito tudo que o futsal fez na minha vida e... As portas daqui de casa estão abertas prá o dia que vocês quiserem aparecer, vim, me visitar ou mesmo dar um olá... O futsal é um esporte vivo, é um esporte que precisar ser vivido prá você entender o que é verdadeiramente isso. E eu... é... durante dezessete anos, eu *vivi* o futsal, eu *respirei*

o futsal. Futsal, muitas vezes, foi a minha comida. Então... é... foi uma dedicação ampla, em todos os aspectos. E... que outras pessoas tenham serenidade e saibam que a luta da arbitragem, a vida de um arbitro, não é só as quatro linhas. A vida de um árbitro, prá você entrar numa quadra ou num campo de futebol, é uma dedicação e um distanciamento de várias coisas; que se eu tivesse, hoje, dezessete anos, quando como eu comecei tudo, eu não faria novamente, porque muita coisa foi subjugada, né? Eu... A minha juventude *toda* foi vivenciando a arbitragem. Toda! De não tá perto de família em casamento de irmão, de não estar em aniversários, aniversário de pai, batizado... Coisas familiares e que eu sinto muita falta. Mas eu fui *sábia* o suficiente prá me distanciar em 2012, sair desse processo em 2012, e ainda vivenciar seis anos ou sete, da vida com a minha mãe e seis anos com minha avó, que eram as duas mulheres que foram o esteio da minha vida [choro contido]. Então eu, realmente, tenho só a agradecer ao futsal. O futsal é um esporte que precisa ser bem direcionado.

M.L. – Meire, eu queria aqui agradecer demais a tua colaboração. Registrar a minha admiração por seu trabalho e dizer que nós, na Bahia, devemos muito a você, enquanto árbitras do quadro nacional. Seu legado é algo inquestionável. Dizer também da minha reverência à sua pessoa e ao seu trabalho. Seu relato é valiosíssimo para a nossa pesquisa.

A.S. – Espero ter colaborado, um pouquinho assim, com esse seu trabalho que é primoroso prá todo esse processo de arbitragem. É... Quem sabe, daqui a um tempo, você realmente edite esse livro e mostre para outras pessoas o que é, realmente, a arbitragem feminina do Nordeste, porque não é fácil, não é fácil.

M.L. – É como disse a Renata, lá em São Paulo, é matar um leão por dia, porque se você deixar que ele cresça um pouco por dia, ele vai te engolir antes de você poder matá-lo, né?

A.S. – É muito complicado.

M.L. – Obrigada Meirinha.

A.S. – Nada, amor.

[FINAL DA ENTREVISTA]